

**BEM-ESTAR SUBJETIVO E QUALIDADE DE VIDA EM ADEPTOS DE
AYAHUASCA**
*BIENESTAR SUBJETIVO Y CALIDAD DE VIDA DE LOS SEGUIDORES DE LA
AYAHUASCA*
*SUBJECTIVE WELL-BEING AND QUALITY OF LIFE FOR FOLLOWERS OF
AYAHUASCA*

Cleber Lizardo de Assis

Faculdades Integradas de Cacoal, Cacoal/RO, Brasil e Universidad del Salvador, Buenos Aires, Argentina

Deyse Ferracioli Faria e Laís Fernanda Tenório Lins

Faculdades Integradas de Cacoal, Cacoal/RO, Brasil

RESUMO

O artigo estuda o bem-estar subjetivo dos adeptos de *ayahuasca*, a partir dos conceitos de qualidade de vida e bem-estar subjetivo. Discute os estudos que tratam da beberagem do chá nos rituais religiosos e a percepção desses sujeitos em relação a esses elementos psicossociais. Metodologicamente, o artigo relata os resultados de uma pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica e dados coletados em campo, com quatro sujeitos. Como resultados, destaca-se a existência de um bem-estar subjetivo a partir das seguintes categorias: desenvolvimento do autoconhecimento, favorecimento à prevenção ao uso/abuso de drogas, um maior domínio de si e do ambiente, além de uma melhoria no relacionamento social. Defende-se, finalmente, a relevância científica de estudos sobre este tema contemporâneo a fim de enriquecer o conhecimento de novos processos de subjetivação, de fenômenos socioculturais e de territórios com interfaces com a Psicologia.

Palavras-chave: ayahuasca; bem-estar subjetivo; qualidade de vida.

RESUMEN

Estudiamos el bienestar subjetivo de los adeptos a la ayahuasca, a partir de los conceptos de la calidad de vida y el bienestar subjetivo; se discutió los estudios que tienen que ver con el brebaje del té en los rituales religiosos y la percepción de estos sujetos en relación a los elementos psicossociales. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, de revisión y de campo, a partir de una muestra de 04 sujetos. Los resultados enfatizan la existencia de un bienestar subjetivo basado en las siguientes categorías: desarrollo del auto-conocimiento, favorecimiento la prevención de utilización /abuso de drogas, un mayor dominio de sí mismo y del ambiente, así como una mejoría en la relación social. Se afirma, por último, la relevancia científica de los estudios sobre el tema contemporáneo, que proporcionan el conocimiento de nuevos procesos de subjetivación, de fenómenos socioculturales y territorios para interfaces con la psicología, sobre todo relacionados con el tema.

Palabras clave: ayahuasca, bienestar subjetivo, calidad de vida.

ABSTRACT

This paper studies the subjective well-being of the *ayahuasca*'s adherents from the concepts of quality of life and subjective well-being. It also discusses the findings of some studies that deal with the brew of this tea in religious rituals and the perception of these subjects in relation to these psychosocial elements. Methodologically, the paper reports the results of a qualitative research that combined a bibliographical review and data collection in the field, with four subjects. As a result, it was found the existence of subjective well-being in the following categories: development of self-awareness, fostering prevention of drug / drug abuse, mastery of oneself and of environment, as well as an improvement in social relationships. It is argued for the scientific relevance of contemporary studies on this issue in order to enrich the knowledge of new processes of subjectivity, of sociocultural phenomena and territories with Psychology's interfaces .

Keywords: ayahuasca; subjective well-being; quality of life.

A beberagem de **ayahuasca** ainda é um assunto pouco conhecido pela população em geral, talvez devido aos escassos estudos por parte da própria academia, o que limita a compreensão e provoca rejeição e até preconceito acerca do tema. Para Passareli e Silva (2007), é de suma importância procurar conhecer, cada vez mais, sobre o Bem-Estar Subjetivo (BES), uma vez que é um ponto crucial que traz benefícios no modo como enxergamos a nós mesmos e aos outros, e resulta em maior contentamento nas vivências cotidianas e nos relacionamentos.

Segundo Schultes e Raffauf (citados por Santos, Moraes, & Holanda, 2006), há indicativos de benefícios do uso de alucinógenos como auxiliar no tratamento de dependência e uso abusivo de álcool, tabaco e outros psicoativos, interferindo no bem-estar dos indivíduos. Essas pesquisas são, portanto, de grande importância, já que ampliam o acervo científico de estudos voltados às temáticas relacionadas aos processos de subjetivação envolvidos com a beberagem do *ayahuasca*.

Sendo assim, é de interesse dos pesquisadores adquirir maior conhecimento sobre o assunto e, cada vez mais, distinguir aspectos relacionados ao consumo de *ayahuasca* e seus efeitos sobre o bem-estar subjetivo e a qualidade de vida de sujeitos usuários.

Ayahuasca

Ayahuasca é um produto vegetal psicoativo resultante do cozimento do cipó **Banisteriopsis caapi** com as folhas do arbusto **Psychotria viridis**. Esta decocção pode ser chamada de substância enteógena porque provoca estados alterados de consciência (EAC) que levam a fortes alucinações em toda forma de percepção e “ajudam a maximizar as experiências de estimulação visual e as sensações de contato com forças e locais sobrenaturais e divinos” (Cremasco, Ribeiro, & Eler, 2008, p. 4). Durante o EAC ocorre o chamado transe, ou viagem, em que o sujeito tem a sensação de viver outra relação com o mundo, consigo mesmo, com sua identidade e com seu corpo (Lapassade citado por MacRae, 1992).

Tendo origem na língua **Quéchuá**, o termo **Ayahuasca** significa “corda dos mortos”, (Santos, Moraes, & Holanda, 2006) e, segundo Schultes e Raffauf (2004, citados por Santos, Moraes, & Holanda, 2006), este psicoativo tem diversas finalidades: políticas, mágicas e terapêuticas, não havendo uma completa separação entre estes alvos durante o uso.

Para Santos, Moraes e Holanda (2006), desde o século XIX a *ayahuasca* vem sendo utilizada e,

por volta de 1930, em Rio Branco – AC, Brasil, foi criada por Raimundo Irineu Serra a religião do Santo Daime, culto que consagra a *ayahuasca* em rituais com influência do catolicismo popular, do espiritismo kardecista, dos cultos afros e do xamanismo. Na década de 40 do século passado, foi fundada por Daniel Pereira de Mattos, também em Rio Branco, a Barquinha, religião **ayahuasqueira**, também composta de elementos indígenas, cristãos e afro-brasileiros, com uma maior influência da Umbanda (Santos, Moraes, & Holanda, 2006). E em 1961, foi fundada por José Gabriel da Costa (Mestre Gabriel), em Porto Velho – RO, a União do Vegetal (UDV), a maior e mais organizada das religiões *ayahuasqueiras*, cujos princípios são baseados em uma doutrina cristã-reencarnacionista permeada por elementos do espiritismo kardecista e trazida na década de 50 (Santos, Moraes, & Holanda, 2006), após o Mestre Gabriel ter experimentado o cozimento com índios aborígenes da Bolívia. Com seus fiéis seguidores, organizou a religião UDV que se alastrou pelo norte do país e depois para o sul (Grob et al., 1996).

Os rituais da UDV são baseados na antiga paróquia cristã, onde o chá é consumido em núcleos e/ou centros durante longas cerimônias que ocorrem duas vezes ao mês. Essas cerimônias são conduzidas pelos mestres/líderes do local (Grob et al., 1996) e a *ayahuasca* é consumida, em cerimônias, há muito tempo na Amazônia Ocidental pela população cabocla ou mestiça e pelos grupos indígenas. Entre esses indígenas, aparece o personagem do xamã, que tem um grande domínio sobre a floresta e as propriedades das plantas que usa para atividades de cura e para entrar em contato com o mundo espiritual (Santos, Moraes, & Holanda, 2006). Embora seja um termo genérico que possui uma gama de nomes como **natema**, **yajé**, **nepe**, **kabi**, **caapi**, de acordo com Goulart (2004), há terminologias usadas na UDV como: **mariri**, que é o cipó; **chacrona**, que significa “chá-temeroso” e é a folha; e **hoasca**, que se refere ao chá.

De acordo com MacRae (1992), o uso de psicoativos ocorre historicamente em muitas regiões do mundo, mas é nas Américas que se apresenta com maior concentração e frequência. Quanto ao seu uso, devem ser considerados a atuação da substância na fisiologia do corpo humano, o estado psicológico do indivíduo e o meio físico, social e cultural no momento do uso. Timothy Leary, um dos grandes divulgadores dessa visão tripartida, nos anos 60 do século passado, dizia que para a “viagem de ácido” ser uma experiência harmoniosa e tranquila, tanto o estado de espírito do viajante (*set*) quanto o meio ambiente (*setting*) deviam estar em harmonia.

Nas décadas de 1960 e 1970, os estudos de Leary provocaram interesse em pesquisas sobre xamanismo e estados alterados de consciência e, assim como ele, vários pesquisadores foram buscar, em campo, rituais indígenas nas Américas Central e do Sul, onde as substâncias psicoativas eram a causa dos estados de transe (MacRae, 1992). Foram necessárias comparações transculturais para registrar as variadas formas de consumo das substâncias e para definir o papel marcado das crenças, atitudes, expectativas e valores que contribuem para a estrutura da experiência com esses enteógenos (MacRae, 1992).

As práticas xamanísticas persistem até hoje, mesmo tendo sofrido modificações e influências consideráveis, resistindo à colonização ibérica, à atividade missionária e à economia da borracha. Esses acontecimentos mudaram radicalmente a região e levaram ao êxodo dos habitantes da floresta para os grandes centros urbanos locais; entretanto, os curandeiros ou vegetelistas ainda mantêm os antigos conhecimentos indígenas sobre as plantas, o uso e a relação com o mundo espiritual (MacRae, 1992).

Dos grupos religiosos adeptos de *ayahuasca*, é a UDV a mais hierárquica e disciplinada. Foi a mesma que, em 1987, lutou e conseguiu o direito, junto ao Conselho Federal de Entorpecentes (Confen), de remover o cozimento da lista de substâncias abolidas, tornando-a apta e legalizada a ser usada em contexto religioso (Grob et al., 1996).

Segundo MacRae (1992), os vegetelistas - cujo nome vem do poder que recebem dos deuses das plantas - tendiam a ser marginalizados pelas autoridades médicas locais, porque eram vistos como feiticeiros e bruxos, deixavam-se possuir por espíritos de cura e detinham a maior parte da clientela. Porém, são respeitados dentro da própria comunidade e possuem um notável conhecimento geral, negando a imagem de um xamã psicótico e desequilibrado como mostram antigas literaturas.

As receitas de preparação de *ayahuasca* variam de acordo com os grupos que adicionam diferentes plantas, dependendo de tradições e dos fins a que ela se destina. Os índios dizem tomar para ver o mundo de onde vem todo o conhecimento, e os vegetelistas dizem que é dela que vem o espírito forte, chamando-a de “doutora” ou “professora”. As plantas “doutoras” são aquelas que, além de produzirem estados alterados de consciência, produzem tontura, têm fortes qualidades eméticas ou catárticas e provocam sonhos especialmente vívidos (Santos, Moraes, & Holanda, 2006).

Análises químicas revelaram que a **Banisteriopsis caapi** contém os alcalóides de beta-carbolina: harmina, harmalina e tetrahydroharmina, e as **Psicotrias** contém o alcalóide alucinógeno N-dimetiltriptamina (DMT) (Rose, 2005, p. 9). Esta substância, tomada sozinha e por via oral, é inativa, mesmo em altas doses, devido à atuação da monoamina oxidase (MAO), presentes no fígado e no intestino delgado (Rose, 2005, p. 9). Mesmo que as beta-carbolinas estejam em doses relativamente baixas para manifestarem suas características alucinógenas, elas desempenham um papel de inibição da MAO, permitindo que o DMT entre em ação com suas propriedades psicotrópicas e atinja o sistema nervoso. Náuseas, formigamentos, aumento da temperatura corporal são alguns dos efeitos somáticos que aparecem aproximadamente vinte minutos após a ingestão do chá. Em seguida, por volta de uma a duas horas, iniciam-se os efeitos cognitivos, que desaparecem gradualmente em aproximadamente quatro horas (Garrido & Sabino, 2009).

A experiência dos efeitos do chá é chamada de “estado visionário”, que é quando o sujeito percebe os objetos vibrando e brilhando no ambiente; cenas e movimentos rapidamente surgem e podem ser vistas com os olhos abertos ou fechados. Essas alterações na percepção e cognição não evitam os usuários de se localizarem no tempo e no espaço, ou de falarem de forma coerente. Vale ressaltar que as reações de um indivíduo são particulares e não podem ser previstas, sendo dependentes de cada sessão (Schimzinger citado por Garrido & Sabino, 2009, p. 29). O uso de psicoativos raramente é prejudicial aos adeptos, e na maioria das vezes sua ocorrência é no contexto de um ritual em culturas tradicionais, sendo que, nessas experiências, são comuns os relatos de percepção alterada do tempo, o papel dos animais em mostrar ao homem as propriedades das plantas, o papel da música em provocar as visões, doação de vida espiritual às plantas e fenômenos paranormais como telepatia e precognição (Dobkin de Rios citado por MacRae, 1992, p. 22).

Segundo Labigalini (1998), após a entrada na UDV, alguns sujeitos tiveram mudanças profundas em suas vidas, reestruturando sua conduta diária e recebendo uma orientação para o mundo à sua volta. O autor aponta que as características dos estados de consciência vivenciados com a *ayahuasca*, a inserção social em um novo grupo e a regulação dos rituais através de leis sociais foram as causas dessas mudanças.

Mabit (citado por Santos, 2006, p. 365) expõe que observações realizadas em oito mil casos de ingestão de *ayahuasca* com acompanhamento

terapêutico permitem afirmar que esse consumo possui muitas indicações, sem relatos de dependência, sendo que a expansão da percepção do corpo, da sensação e do pensamento permitem que o indivíduo aprenda a confrontar seus problemas a partir de uma nova perspectiva e de maneira autônoma.

Há várias abordagens que diferem na definição e avaliação quanto à qualidade de vida das pessoas ao decorrer do tempo: a economia analisa a qualidade de vida da população pela quantidade de bens e mercadorias por elas produzidos; já os cientistas sociais acrescentam a esta última teoria, importantes e consideráveis indicadores sociais como expectativa de vida, distribuição justa dos recursos, entre outros; uma terceira abordagem que, aliás, vem crescendo consideravelmente nas últimas décadas, é a de Bem-Estar Subjetivo (BES), que considera a avaliação subjetiva da qualidade de vida (Giacomoni, 2004).

Como afirmam Diener, Suh, Lucas e Smith (1999, citado por Albuquerque, Noriega, Coelho, Neves, & Martins, 2006), o BES refere-se às respostas emocionais e julgamentos acerca da satisfação que o indivíduo sente de si mesmo e do ambiente no qual se encontra; à avaliação de suas próprias experiências de vida e, sendo elas positivas ou negativas, um dos componentes principais para esse bem-estar e promoção de vida saudável é a felicidade.

Siqueira e Padovam (2008) relatam que, enquanto os filósofos ainda discutem esse enigma do estado de felicidade, nas últimas três décadas, pesquisadores vêm se empenhando em formular conhecimentos acerca do bem-estar e comprová-lo cientificamente. São esses estudiosos que, após décadas de pesquisas, inseriram o conceito de bem-estar no campo científico da psicologia e o converteram em um dos temas mais debatidos e empregados para a compreensão dos fatores psicológicos que integram uma vida saudável.

Para Passareli e Silva (2007), é de suma importância procurar conhecer cada vez mais o BES, uma vez que ele traz benefícios ao modo como enxergamos a nós mesmos e aos outros, resultando em um maior contentamento nas vivências cotidianas e nos relacionamentos sociais. De acordo com Otta e Fiquer (2004), o BES é resultante de uma influência vantajosa de estados emocionais positivos sobre a saúde fisiológica, podendo acontecer como consequência direta dessa saúde, como recursos psicológicos gerados por estados emocionais positivos ou pela motivação de comportamentos importantes para a saúde.

De um modo geral, os estudos sobre o BES e a felicidade são compreendidos sob três aspectos:

1. “Estar no controle da vida” - segundo Csikszentmihalyi (1999, citado por Costa & Pereira, 2007, p. 74), estar no controle da vida diz respeito àqueles indivíduos que acham importante e de grande valia tudo o que realizam, e dependem menos de recompensas externas, ou seja, possuem motivação intrínseca. Seria a “felicidade aprendida” por meio de um desenvolvimento psicológico.

2. Estado (estar feliz) – é o resultado de várias ocasiões de felicidade na vida. É o vivenciar eventos prazerosos no dia a dia e relacioná-los aos afetos positivos, acumulando experiências felizes. Esta seria a forma de perceber a felicidade através de uma série de necessidades humanas fundamentais e universais (*bottom-up*, ou “de baixo para cima”) (Costa & Pereira, 2007, p. 74).

3. Traço (ser feliz) – essa abordagem assegura que os indivíduos têm uma predisposição para interpretar situações cotidianas de forma tanto positiva quanto negativa, e essa predisposição seria o que influencia a avaliação da vida. A pessoa utilizaria os prazeres porque é feliz, e não o contrário. Pela perspectiva *top-down*, ou “de cima para baixo”, a interpretação pessoal dos eventos é o que primeiramente influenciaria o BES, ao invés das próprias circunstâncias objetivas, como dito anteriormente pela abordagem *bottom-up*. Pesquisas estudam se essa interpretação é devido à personalidade, ao processo de adaptação ou ao *coping* (Giacomoni, 2004).

Segundo Ryff e Keyes (citador por Giacomoni, 2004, p. 45), a interpretação de bem-estar subjetivo acontece através de itens independentes, com aspectos psicológicos positivos, sendo eles: (a) Autoaceitação - quando a pessoa se percebe e relata fatos passados de maneira positiva; (b) Crescimento pessoal - a pessoa compreende que cresce e se desenvolve gradativamente; (c) Sentido de vida - quando os objetivos e significados estão claramente definidos; (d) Relações positivas com outros - as relações são avaliadas como satisfatórias; (e) Domínio do ambiente - habilidades de controlar a própria vida e o meio; e (f) Autonomia - sentimento de iniciativa.

Segundo Schultes e Hofmann (citados por Santos et al., 2006, p. 364), há indicativos de benefícios do uso de alucinógenos como auxiliares no tratamento de dependência e uso abusivo de álcool, tabaco e outros psicoativos, interferindo no bem-estar dos indivíduos. Sendo assim, essas pesquisas são de grande importância, já que ampliam o acervo científico de estudos voltados a esses temas e possibilitam a comprovação de eficácia de novas terapias. Nesse sentido, este estudo objetivou identificar, na literatura

científica nacional dos anos de 2000 a 2010, e em dados obtidos em campo, a percepção de bem-estar subjetivo (BES) e de qualidade de vida em indivíduos que consomem a *ayahuasca*.

Método

Tipo de Pesquisa

Baseado em Gil (2002), a presente pesquisa possui **natureza básica**, pois teve como finalidade construir conhecimentos que contribuam para o enriquecimento do acervo científico deste campo. Em relação à **abordagem**, o estudo foi qualitativo e, quanto ao objetivo, teve caráter exploratório, uma vez que buscou um aprofundamento sobre o tema, tomando por base o levantamento bibliográfico e pesquisa de campo.

Materiais e procedimentos

Quanto à bibliografia, utilizou-se artigos científicos produzidos entre os anos 2000-2010, com os seguintes descritores: *Ayahuasca*, Bem-Estar Subjetivo e Qualidade de Vida, tomando as seguintes bases de dados que reúnem as principais produções científicas da área e tema: Scielo (Scientific Electronic Library Online); Neip (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos); Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); BVS Psi Brasil (Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil); Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (Universidade de São Paulo); Biblioteca Virtual da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo); e Revista de Psiquiatria da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

Foram coletados 05 (cinco) documentos encontrados nas fontes Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Neip (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos), sendo desta última fonte um artigo cuja versão preliminar foi publicada no 1º Congresso Abramd sobre Drogas e Dependência, na cidade de São Paulo em Julho de 2008; um trabalho de graduação apresentado à Universidade Presbiteriana Mackenzie na cidade de São Paulo em 2005; uma tese de doutorado apresentada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2010; e uma dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói em 2009. Na fonte Scielo foi coletado 01 (um) artigo científico.

Embora a ênfase dessa pesquisa seja a discussão do tema na visão da abordagem psicológica, por

conta da escassez de materiais com foco psicológico no acervo científico, foram utilizados referenciais teóricos interdisciplinares como os da psiquiatria, da antropologia e das ciências da religião.

A coleta de dados em campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, compostas por 07 (sete) perguntas abertas - gravadas em áudio e posteriormente transcritas - sobre a percepção e a avaliação de mudanças na vida decorrentes do consumo do chá e da inserção na religião e seus respectivos efeitos.

Amostra

Os 04 (quatro) sujeitos da pesquisa - dois homens e duas mulheres - eram membros do Centro Espírita Beneficente UDV – Núcleo Estrela Oriental, na cidade de Cacoal - RO, no mínimo há 01(um) ano. Os participantes foram escolhidos aleatoriamente, e tiveram a participação voluntária após assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹.

Análise dos dados

A técnica de análise escolhida foi a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, de perspectiva qualitativa, constituída por três fases distintas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos (inferência e interpretação). Organizou-se, ainda, pela definição das Unidades de Registro, ou seja, a partir da análise dos dados, a opção que se mostrou mais conveniente para o propósito do estudo-exemplo foi o uso de frases, palavras ou grupo de palavras que descrevessem a importância de determinado elemento para o sujeito-participante (religião, por exemplo). Assim, foram definidas as categorias e subcategorias temáticas por agrupamento de temas, pela sinonímia das emissões, frases, palavras ou grupo de palavras, tendo como referência a sinonímia e a revisão de literatura (Bardin, 2004). Optou-se pela criação das categorias e subcategorias *a posteriori*, isto é, após a coleta, sistematização e análise dos dados da literatura e de campo.

Resultados e discussão

Na primeira parte da pesquisa, de caráter bibliográfico, buscou-se fazer uma análise das informações contidas na literatura científica nacional para, em seguida, estabelecer comparações com os dados obtidos nas entrevistas. Procurou-se, então, definir categorias que relacionassem o bem-estar subjetivo, a qualidade de vida e o uso da *ayahuasca*.

Análise da literatura nacional

1. Em relação à categoria “Autoconhecimento”

Durante o efeito do chá, o sujeito consegue se ver fora do próprio corpo e também entra em contato com o que é mais próprio e profundo de si. Com isso, ele se percebe no mundo e define quem é e quem não é. Quando desenvolvido o autoconhecimento, o sujeito se percebe e compreende tudo à sua volta com mais clareza e honestidade. Isso facilita as atividades diárias, bem como as relações interpessoais. Ele passa a conhecer melhor as próprias emoções e comportamentos.

O consumo do chá traz para o sujeito a reflexão de alguns aspectos que modificam comportamentos. Comunicar-se de modo mais sensível com o ambiente, fazer parte da comunidade, repensar valores aprendidos, limpar-se de coisas negativas e aprender novas maneiras de confrontar as situações cotidianas são alguns elementos que provocam, no indivíduo, o esclarecimento de quem ele é e como ele reage no mundo. São esses os elementos que desenvolvem o autoconhecimento, entendido como aprimoramento do conhecimento de si, tal como descrito em alguns dicionários. Mas, para além do contexto em que se insere a *ayahuasca*, ressalta-se, aqui, a importância do autoconhecimento, como apontada por alguns pensadores, pois a motivação pessoal, quando tornada consciente, é relevante para o estabelecimento de uma vida saudável, na medida em que a pessoa aprende a observar seus comportamentos e, conseqüentemente, a manejar a si mesma e as condições em que vive.

2. Em relação à categoria “Tratamento da dependência”

Há relatos de grupos terapêuticos, de antropólogos, psicólogos e psiquiatras sobre a eficácia terapêutica da *ayahuasca* no tratamento da dependência de psicoativos. No entanto, deve-se registrar a existência de falhas de pesquisas realizadas sem bases sólidas ou fundamento em estudos com desenhos metodológicos rigorosos. Assim, o sucesso do tratamento não depende somente da farmacologia da *ayahuasca*, mas também das normas do contexto ritual, do zelo religioso, da influência do líder e da dinâmica social do grupo. Além disso, não pode haver dissociação entre a ingestão do chá, o processo psicossocial e o contexto ritual em que esta bebida é consumida. A religiosidade é destacada nesses rituais, e é um fator importante para que um sujeito pare de consumir substâncias psicoativas. Além dos efeitos psicológicos e comportamentais do chá, questões como recomendações, normas e punições dentro do grupo religioso são os fatores que, em conjunto, fazem uma pessoa abandonar uso de substâncias psicoativas.

3. Em relação à categoria “Domínio de si e do ambiente”

Durante o transe induzido pelo chá, o indivíduo afirma uma liberdade individual de pôr em prática tudo o que viu na miração, adequando ao seu modo de ser. Isso se dá por meio do aprendizado com a *ayahuasca*, que fornece ferramentas para controle do ambiente. Por meio das imagens percebidas durante as mirações, o indivíduo percorre mundos (físico e espiritual) e questiona a sua existência, desenvolve uma espiritualidade que busca equilíbrio, aprendendo, assim, a se transformar manejando sua vida. Devido a essas mirações, o sujeito passa a confrontar seus conhecimentos *a priori* com a razão construída a partir de então. O aprendizado com a *ayahuasca* permite que o indivíduo adquira conhecimentos sobre exercícios de práticas de bem-estar, como cuidados com o corpo (dietas e abstinências) e desenvolvimento de autocontrole. O domínio de si também pode ser visto na categoria autoconhecimento, e o cuidado com o corpo na categoria tratamento da dependência.

4. Em relação à categoria “Relações sociais”

Após as mirações, os sujeitos trocam e compartilham as visões, sensações e percepções dentro do grupo. Dessa forma, eles interpretam aspectos das mirações uns dos outros, fortalecendo o vínculo do grupo. Também, com a ajuda do grupo ou de um membro mais próximo, o sujeito desvenda verdades que sozinho não conseguiria contemplar. Toda essa vivência dentro do grupo religioso é aplicada também na vida social fora da instituição.

O aprendizado induzido pelas mirações e pela comunicação produz mudanças positivas nos comportamentos com familiares e amigos. Tornam-se relações mais pacíficas e amorosas por parte do sujeito *ayahuasqueiro*. Essas práticas sociais dentro do grupo religioso também influenciam a tomada de decisão de parar de consumir substâncias psicoativas e diminuir ou abandonar hábitos alimentares considerados poucos saudáveis. Essas decisões podem ser vistas nas dietas e abstinências dentro da categoria tratamento da dependência.

Análise das emissões verbais dos sujeitos/entrevistas de campo

1. Em relação à categoria “Tratamento/Prevenção à dependência química”

A vida social dos indivíduos, antes de sua inserção na religião, era geralmente regrada por festas que continham bebidas e substâncias químicas. Atualmente, os sócios compartilham outra visão de

socialização, nas quais não há mais a necessidade de uso dessas substâncias. Uma característica presente no álcool é a estimulação o cérebro fazendo com que o sujeito fique desinibido e eufórico, e faça coisas que normalmente não faria. Nessas condições, portanto, ele não tem controle de seus comportamentos e atos, o que não é recomendado pela religião.

O sujeito aponta um estilo de vida anterior, de uso de drogas, marcado por uma mudança no que se refere aos cuidados da saúde de forma geral. A conscientização advém do processo ritual do consumo do chá, das normas da UDV, e até mesmo da condução da sessão. Mesmo não sendo um indivíduo classificado como dependente químico, por não possuir comportamentos compulsivos em relação às drogas, ele adquire comportamentos de prevenção aos novos hábitos decorrentes da religião e do processo ritualístico.

Um elemento condicionante para essa mudança de um estilo de vida menos saudável para um mais saudável está relacionado à existência de níveis de exigência e de evoluções de papéis dentro da hierarquia religiosa, uma vez que a UDV, das religiões *ayahuasqueiras*, é a mais democrática e hierarquizada. Para subir os graus, o sócio deve cumprir certas normas e condutas que, conseqüentemente, mudarão seus comportamentos habituais. Essas mudanças de estilo de vida e disciplina extrapolam o contexto religioso para a vida social.

2. Em relação à categoria “Sentido de vida”

Elementos de bem-estar como paz, equilíbrio, felicidade e conforto se articulam com a presença da divindade, o que parece fornecer sentido para a vida presente e futura. Entende-se, aqui, sentido de vida quando os objetivos e significados estão claramente definidos. O sujeito vive em uma constante busca por propósitos e significados em sua vida. Essa busca se dá por meio de questionamentos sobre o objetivo de sua existência no mundo. A resposta, tida como espiritual, é procurada nas mais diversas religiões, porém, somente após a inserção na UDV, o consumo do chá e as visões por ele produzidas, é que fazem com que o indivíduo acredite que tenha encontrado essas respostas e se sinta inserido no mundo, tendo uma melhor compreensão sobre as coisas que faz e suas motivações.

O indivíduo relata dúvidas e questionamentos que impediam a definição de objetivos claros na vida, o que pode ser entendido como a falta de alguma coisa que ele não sabia identificar e que lhe causavam inquietação. Ele cita questões como pós-morte e reencarnação como possíveis respostas que

o chá oferece. A obtenção de respostas sobre a vida e a mudança de sentido por esse entendimento são vistas como positivas. O sujeito encontra, no efeito no chá, a possibilidade de sentir uma força que pode ser comparada à manifestação do espírito santo, que não era sentida em outras religiões. Essa força pode ser nomeada como o sentido para a vida.

3. Em relação à categoria “Crescimento pessoal”

O crescimento pessoal é observado quando a pessoa compreende que cresce e se desenvolve gradativamente. O desenvolvimento ocorre subjetivamente, ou seja, a pessoa se volta para si mesma, para as suas potencialidades, para o seu lado espiritual de forma autônoma, sem necessitar de outrem para que isso aconteça. Uma das formas visíveis desse desenvolvimento é quando o sócio troca os graus, sem fazer distinção de raça ou classe social, valorizando a individualidade de cada um, uniformizando o linguajar para que haja compreensão e entendimento de todos. Dessa forma, todos possuem a mesma chance de subir nessa hierarquia como simbologia espiritual.

Através das mirações, o sujeito olha e analisa os seus próprios comportamentos, sentimentos e ações, passando a se autocorrigir. Essa mudança torna-se mais fácil porque a miração contempla a possibilidade de ver e sentir um fato como se estivesse acontecendo em tempo real. Há, assim, uma maior consciência do próprio eu e, com isso, a compreensão da necessidade da transformação do modo de agir. O adepto realiza uma autoavaliação positiva acerca das mudanças em sua vida, após o seu crescimento pessoal e social. É possível fazer uma análise do progresso sobre o antes e depois da inserção na religião, por meio de questões como a paz e as relações sociais satisfatórias.

4. Em relação à categoria “Relações sociais positivas”

Esta categoria se subdivide em duas subcategorias: as Relações de Amizade e de Trabalho e as Relações Familiares.

As relações de amizade e de trabalho

Para obter uma relação positiva com os demais, há a conscientização de que deve haver um autoconhecimento e cuidados consigo mesmo, a fim de que seu bem-estar repercuta nos demais. O diálogo é trabalhado para que o sujeito tenha a visão dos conflitos e dos comportamentos inadequados que esteja produzindo, e também para que saiba escutar os apontamentos dados pelo próximo. Essa prática é realizada e acatada pelas opiniões oferecidas pelos discípulos e outras pessoas que fazem parte do convívio social.

Um dos aprendizados encontrados na UDV é a valorização da amizade do outro, independente de classe social ou etnia. Isso pode ser verificado na padronização das vestimentas e na distribuição igualitária de afazeres, para que todos aprendam a respeitar o próximo. Mesmo havendo hierarquia, ou seja, graus mais elevados, o mestre geral, que está no topo, tem o mesmo tipo de tratamento e deveres que os demais, dando, com isso, exemplo de humildade, de responsabilidade e respeito ao outro como ser humano, e não apenas por ser uma autoridade.

São reforçados os laços sociais por meio do voluntariado e do companheirismo. Dessa forma, ninguém fica sobrecarregado de trabalho e todos cumprem suas tarefas igualmente, divididas para que se obtenha resultados eficazes e progressivos. Todos os ensinamentos e condutas aprendidos dentro do contexto religioso do chá devem repercutir na vida social fora da instituição, ou seja, no trabalho, em casa e nas atividades de lazer. Mesmo que o sujeito possua um grau mais elevado, ele aprende que não há distinção na forma de tratar as pessoas e que as relações sociais se constroem de maneira pacífica.

As relações familiares

A religião e seus ensinamentos motivam a valorização da família e das pessoas de modo geral, fazendo com que não haja apenas pensamentos voltados para si e para o bem-estar individual, mas sim das demais pessoas à sua volta e, sobretudo, dos familiares. O indivíduo alcança um sentimento de estar completo e feliz, ao ver sua família também inserida na religião, pois ambos, família e religião, caminham lado a lado em sua vida, não existindo a necessidade de dividir-se ou dar prioridade a um ou a outro.

O adepto aponta mudanças positivas no casamento e fortalecimento da união com o cônjuge após os ensinamentos recebidos pelo chá e pela religião. Os ensinamentos da religião permitem que o indivíduo constitua uma família e crie os filhos dentro da instituição, o que é avaliado como satisfatório, uma vez que afirma que os filhos se tornaram pessoas confiáveis.

5. Em relação à categoria “Aprimoramento da cognição”

Cognição é o processo de conhecer, de aprender, em que estão incluídos os pensamentos, a atenção, a percepção, a memória e o raciocínio. Após a inserção da *ayahuasca* no cotidiano do sujeito, sua memória fica “graduada”, ou seja, o adepto usa essa terminologia para explicar que ele passa a regular a cognição para prestar mais atenção no ambiente em que vive e nas coisas que acontecem ao seu redor. A consequência é

uma melhor percepção e compreensão, não somente nas suas mirações, mas também nos estudos, na cultura e nas relações com os outros. Entende-se que ele observa tudo com mais acuidade e, por isso, a memória fica mais treinada.

O chá tem um sentido conotativo, para seus adeptos, de “tirar o véu dos olhos”, respondendo dúvidas existentes, o que lhes proporciona uma visão mais abrangente de tudo o que lhes acontece e também de suas causas. Essas consequências, nas formas de percepção, podem ser entendidas, aqui, como implicações do estado alterado de consciência, que é o transe, ou viagem, no qual o sujeito tem a sensação de viver outra relação com o mundo, consigo mesmo, com a sua identidade e com o seu corpo, por efeito das fortes alucinações. Isso é o que os adeptos chamam de graduação da memória e é um dos principais efeitos do chá. A alteração da consciência se deve aos componentes alucinógenos, e as visões são resultantes da condução das cerimônias pelos mestres por meio das músicas e das verbalizações.

A energia sentida ao consumir essa bebida proporciona uma atenção e concentração mais aguçadas aos estímulos do meio, oferecendo maior capacidade de compreensão e interpretação. Os sujeitos relatam ver as coisas além da objetividade, que passam a desenvolver o senso crítico e a formular suas opiniões, ao compreenderem tudo o que acontece em seu cotidiano. Há uma ampliação da visão e da consciência, que proporciona um olhar mais sensível aos acontecimentos, fazendo-os observar a realidade não mais de forma generalizada, e sim com profundidade, cada vértice que compõe a situação ou o problema. Segundo os relatos, essa mudança na consciência não traz prejuízos, e é possível, após o consumo do chá, dar continuidade às atividades diárias, mesmo que elas exijam um grau de atenção como dirigir.

6. Em relação à categoria “Autoconhecimento”

O “cozimento” e o processo em que ocorre permitem, como efeito, o desenvolvimento do autoconhecimento. É o conhecimento de si, uma vez que influencia o sujeito a voltar as observações e avaliações para si, para os seus pensamentos no contexto subjetivo e, no âmbito material, para tudo o que possui. É construída uma relação de benefício entre a situação que precisa ser recarregada e o chá que oferece energia. Isso se torna fácil quando o sujeito julga se autoconhecer e autocompreender-se em vários contextos.

Ademais, é destacada uma importância significativa aos próprios desejos e aos sentimentos,

passando a não apresentar apenas os comportamentos desejados pelas outras pessoas. A segurança e confiança de permitir-se ser o que acredita é visualizada novamente no relato de um sujeito que explica que o chá admite que ele se examine, que ele veja pontos em que precisa melhorar e se sinta em paz com isso.

7. Em relação à categoria “Autonomia”

A miração provocada pelo chá mostra ao indivíduo as coisas que ele fez e as possibilidades de mudança, estimulando a iniciativa e a liberdade de autocorriger ou não. O desenvolvimento da autonomia, que se dá por meio do sentimento de iniciativa, ocorre de dentro para fora. O sujeito vê nas mirações a legitimidade e veracidade das decisões a serem tomadas, sendo ele totalmente ativo e presente no processo de definir como se comportar e formular o que é certo ou errado.

8. Em relação à categoria “Religiosidade”

O chá de *ayahuasca* tem a função de ensinar ao sujeito a realizar uma ligação com a divindade, com Deus, porque assim ele acredita que obterá o conhecimento das causas dos problemas. Essa busca por soluções remete o adepto à necessidade de transformações das práticas de paz e de harmonia com a sociedade e com a natureza.

Os adeptos do chá acreditam que é pela natureza que se chega à Deus, e é o chá, o sagrado da natureza. A fala do sujeito permite entender que foi somente após o consumo do chá que houve um encontro com Deus. Anteriormente, se dizia ateu e aprendeu, com os ensinamentos do chá, a realizar uma ligação com o divino.

Análise comparativa entre a literatura científica e a pesquisa de campo

A partir da pesquisa bibliográfica foram elaboradas as categorias “Autoconhecimento”, “Tratamento da Dependência” e “Relações Sociais”, que também apareceram na pesquisa em campo. Observa-se que a categoria “Tratamento da Dependência”, na literatura, apresenta a dependência química como patologia. Já em campo, a categoria abordou os sujeitos que tinham vícios em tabaco e álcool, por exemplo, mas ainda não eram classificados como dependentes químicos. Observou-se que houve um caráter preventivo ao abuso quando abandonaram essas substâncias em decorrência do chá e da religião.

A pesquisa de campo trouxe também contribuições para as categorias “Sentido de vida”, “Crescimento pessoal”, “Aprimoramento da cognição” e “Autonomia e Religiosidade”. Mesmo

que estes dados não estejam categorizados na pesquisa bibliográfica, nota-se a semelhança entre a categoria “Autonomia” e “Domínio de si e do ambiente”.

O fator religiosidade, que se configura como categoria na análise de campo, também pode ser visto na categoria “Tratamento da Dependência” da literatura, relacionado a um processo de conversão religiosa que auxiliou alguns sujeitos a tratarem da dependência química. A categoria “Relações Sociais” apareceu na bibliografia no sentido de que as mudanças causadas pelo consumo do chá fortalecem os vínculos sociais dentro e fora da instituição religiosa. Já a categoria “Relações Sociais Positivas”, que apareceu em campo, acrescentou as subcategorias “Relações de Amizade e Trabalho” e “Relações Familiares”, que trouxeram melhoras de forma destacada.

Considerações finais

Foi pensando nos efeitos da bebida em rituais religiosos que se procurou estudar as mudanças percebidas pelos sujeitos após o consumo do chá e sua relação com a qualidade de vida e bem-estar subjetivo. Como foi dito, o Bem-estar subjetivo (BES) é considerado como a avaliação subjetiva da qualidade de vida e refere-se às respostas emocionais e julgamentos acerca da satisfação que o indivíduo sente de si mesmo e do ambiente no qual se encontra.

Buscou-se identificar, na literatura científica nacional – entre 2000 e 2010 - e em dados obtidos em campo, por meio de entrevistas, a percepção de bem-estar subjetivo e de qualidade de vida em indivíduos que consomem *ayahuasca*. Na literatura, foram encontrados elementos que levaram à formulação das seguintes categorias: Autoconhecimento; Tratamento da Dependência; Domínio de si e do ambiente e Relações Sociais. Pelos relatos verbais coletados em campo foram identificadas as seguintes categorias: Tratamento/Prevenção da Dependência Química; Sentido de vida; Crescimento pessoal; Relações Sociais Positivas - e suas subcategorias, Relações de Amizades e Trabalho e Relações familiares -; Aprimoramento da Cognição; Autoconhecimento; Autonomia e Religiosidade. Essas categorias foram defendidas como mudanças em decorrência do consumo do chá e percebidas pelos sujeitos como melhorias na sua qualidade de vida.

Foi possível, ainda, comparar os achados na literatura com os dados obtidos em campo sobre bem-estar subjetivo, após o consumo da *ayahuasca*. Notou-se que os dados da literatura foram condizentes com os dados coletados em campo, sendo que estes últimos trouxeram um acréscimo de informações com

um número maior de categorias: Sentido de vida; Crescimento pessoal; Aprimoramento da cognição; Autonomia e Religiosidade.

Observou-se, também, relatos sobre a eficácia terapêutica da *ayahuasca* no tratamento e como elemento preventivo da dependência de psicoativos. No entanto, deve-se ressaltar o contexto religioso e psicossocial em que a bebida é consumida, pois, as normas e recomendações dentro do grupo são fortes influências para que o sujeito adquira práticas de bem-estar, inclusive o abandono de uso de substâncias.

A beberagem de *ayahuasca* ainda é um assunto pouco conhecido pela população em geral, provocando rejeição e até preconceito, o que limita a sua compreensão. É relevante também, procurar conhecer sobre o Bem-Estar Subjetivo, uma vez que é um ponto crucial que traz benefícios no modo como enxergamos a nós mesmos e aos outros, resultando em um maior contentamento nas vivências cotidianas e no relacionamento com parceiros. Outro benefício desses estudos pode ser o de distinguir aspectos relacionados ao consumo de *ayahuasca* e o seu efeito sobre o bem-estar, afim de melhor compreender a condição humana em contextos similares.

No entanto, esta pesquisa qualitativa, de base bibliográfica e de campo, não pretende generalizações, para grandes populações, dos resultados encontrados em alguns sujeitos, pois teve finalidade exploratória de produzir um maior conhecimento do tema, e apontando também a necessidade de novas pesquisas de campo dada a escassez de estudos com enfoque nesse tema. Considerando que, no Brasil, nos últimos dez anos, poucos estudos foram realizados nessa área a partir de uma visão psicológica, novas pesquisas serão de grande importância e relevância científica, já que ampliam o acervo de estudos voltados para esses temas contemporâneos e possibilitam o conhecimento de novos processos de subjetivação, de fenômenos socioculturais e de territórios para interfaces com a Psicologia.

Em relação às limitações da pesquisa, elencamos a possível relação entre o contexto religioso, institucional e vivencial como fatores ou variáveis decisivos na produção do bem-estar subjetivo e da qualidade de vida expressa pelos sujeitos. Tais fatores e variáveis podem ser investigados em outros estudos, posto que podem colaborar para as vivências apontadas no presente estudo.

Nota

¹ A pesquisa foi registrada no Ministério da Saúde, sob o número CAAE – 0362.0.213.000-11, por se tratar de

pesquisa com seres humanos, de acordo com a Resolução CNS 196/96.

Referências

- Albuquerque, F. J. B., Noriega, J. A. V., Coelho, J. A. P. M., Neves, M. T. S., & Martins, C. R. (2006). Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. *Psico*, 37(2), 131-137.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Costa, L. S. M. & Pereira, C. A. A. (2007). Bem-estar subjetivo: aspectos conceituais. In *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Acesso em 15 de maio, 2011, em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v59n1/v59n1a08.pdf>
- Cremasco, M. V. F., Ribeiro, C. S., & Eler, J. F. T. (2008, julho). A experiência com ayahuasca sob a perspectiva da psicopatologia fundamental. In *IV Encontro Psi: Parapsicologia & Psicologia*. Curitiba, PR. Acesso em 15 de maio, 2011, em http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/a_experiencia_com_ayahuasca_sob_a_perspectiva_da_psicopatologia_fundamental.pdf
- Garrido, R. G. & Sabino, B. D. (2009). Ayahuasca: entre o legal e o cultural. *Saúde, Ética & Justiça*, 14(2), 57-66.
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(1), 43-50.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Goulart, S. L. (2004). *Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da ayahuasca*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Grob, S. C., Mckenna, D. J., Callaway, J. C., Brito, G. S., Neves, E. S., Oberlaender, G., Saide, O. L., Labigalini, E., Tacla, C., Miranda, C. T., Strassman, R. J., & Boone, K. B. (1996). *Farmacologia humana da hoasca, planta alucinógena usada em contexto ritual no Brasil*. Acesso em 11 de outubro, 2011, em http://www.udv.org.br/arquivos/farmacologia_humana_da_hoasca.pdf
- Labigalini, E. (1998). *O uso de ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool- um estudo qualitativo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Mac Rae, E. (1992). *Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do santo daime* (1ª ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Otta, E. & Fiquer, J. T. (2004, junho). Bem-estar subjetivo e regulação das emoções. *Psicologia em Revista*, 10(15), 144-149.
- Passareli, P. M. & Silva, J. A. (2007, outubro/dezembro). Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 513-517.
- Rose, I. S. (2005). *Espiritualidade, terapia e cura: um estudo sobre a expressão da experiência no Santo Daime*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Santos, R. G., Moraes, C. C., & Holanda, A. (2006, setembro/dezembro). Ayahuasca e redução do uso abusivo de psicoativos: eficácia terapêutica? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 363-370.

Siqueira, M. M. M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 201-209.

Recebido em: 24/11/2012

Revisão em: 04/02/2014

Aceite em: 06/02/2014

Cleber Lizardo Assis é Mestre em Psicologia/PUCMG; Doutorando em Psicologia/USAL-AR; Docente do curso de Psicologia UNESC-RO; Pesquisador-Coordenador do Grupo de Pesquisa Estudos Psicossociais Regionais/UNESC e Integrante do Grupo de Pesquisas Práticas de Saúde em Clínica Ampliada na Contemporaneidade/PUCMG. Endereço: Rua dos Esportes, 1038, Incra, Cacoal/RO, Brasil. CEP 76965-864. E-mail: kebelassis@yahoo.com.br

Deyse Ferracioli Faria é Graduada em Psicologia pela UNESC-RO; Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Psicossociais Regionais/UNESC e Práticas de Saúde em Clínica Ampliada na Contemporaneidade/PUCMG. E-mail: ferracioli.deyse@hotmail.com

Lais Fernanda Tenório Lins é Graduada em Psicologia pela UNESC-RO; Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Psicossociais Regionais/UNESC e Práticas de Saúde em Clínica Ampliada na Contemporaneidade/PUCMG. E-mail: laislins89@hotmail.com

Como citar:

Lizardo de Assis, C., Faria, D. F., & Lins, L. F. T. (2014). Bem-estar subjetivo e qualidade de vida em adeptos de ayahuasca. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 224-234.